

A memória saturada



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Régine Robin

A memória saturada

Tradução

Cristiane Dias

Greciely Costa

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

R552m Robin, Régine, 1939-2021

A memória saturada / Régine Robin ; tradução: Cristiane Dias, Greciely Costa.
– Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2016.

1. História – Filosofia. 2. Memória (Filosofia). 3. Historiografia. 4. Arquivos.
I. Dias, Cristiane Pereira, 1974- II. Costa, Greciely Cristina da, 1980- III. Título.

CDD - 901
- 128.3
- 907.2
- 025.171

ISBN 978-85-268-1339-7

Índices para catálogo sistemático:

1. História – Filosofia	901
2. Memória (Filosofia)	128.3
3. Historiografia	907.2
4. Arquivos	025.171

Título original: *La mémoire saturée*

Copyright © 2003 by Éditions Stock

Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

Copyright © by Régine Robin

2ª reimpressão, 2023



“Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d’Aide à la Publication 2015
a bénéficié du soutien de l’Institut Français du Brésil.”

“Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação 2015,
contou com o apoio do Instituto Francês do Brasil.”

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Agradecimentos

Certo número de pesquisadores, de organismos de fomento, de amigos e de estudantes acompanhou-me durante a preparação e a redação desta obra. Gostaria de destacar o Conselho de Pesquisas em Ciências Humanas do Canadá, que me concedeu a ajuda material de que eu precisava, em particular uma subvenção de pesquisa sobre hipertexto de ficção e outra sobre “o fim das grandes esperanças”, com Marc Angenot, meu colega da universidade McGill. Gostaria de agradecer a meus parceiros da equipe “A memória partida” do Fundo para Formação de Pesquisadores e Amparo à Pesquisa (FCAR) do Quebec: Simon Harel, Alexis Nouss, Michael Lachance, e àqueles que, sob a direção de Pierre Ouellet, participam da equipe do “Si e o outro” do Centro de Pesquisa em Ciências Humanas (CRSH), além daqueles do Centro Interuniversitário de Estudos sobre as Letras, as Artes e as Tradições (Celat). Minha gratidão, também, à equipe “Memória e mídia”, do Centro Canadense de Estudos Alemães e Europeus da Universidade de Montreal, sob a direção de Walter Moser, e, particularmente à minha universidade – a Universidade do Quebec – em Montreal, assim como aos membros do Departamento de Sociologia que me apoiaram e encorajaram. Muito obrigada à Fundação Langlois de Montreal e a Alain Depocas pela ajuda na organização das jornadas de 2001 sobre o “hipertexto de ficção” em Montreal. Agradeço também aos amigos das universidades

dos Estados Unidos: Marianne Hirsch (Dartmouth College) e Susan Suleiman (Universidade de Harvard); da França: Philippe Mesnard, Carola Hähnel, Sonia Combe, Jean-François Chiantaretto, François Dosse, Bernard Magné e Jean Clément; e da Alemanha: Lothar Baier, Peter Schöttler, Simone e Karl-heinz Barck, Mario Kessler, Eva Lezzi e Peter Klaus.

Um agradecimento especial aos meus alunos e ex-alunos, cuja ajuda me foi preciosa, principalmente Viviana Fridman, Pascale Maltais e Paul Choinière. Que eles se sintam calorosamente agradecidos!

Eu gostaria de agradecer a Nicole Lapierre, que fez questão de se encarregar da leitura de meu manuscrito e que, com Jean-Marc Roberts, acolheu-me novamente em sua bela coleção “Un ordre d’idées” na Stock.

O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.

Walter Benjamin

Sumário

<i>Introdução: Como se o passado nevasse sobre nós</i>	13
--	----

PRIMEIRA PARTE PRESENÇAS DO PASSADO

1. <i>Repetições</i>	31
A memória impossível	32
Contratempo	40
Marx e a linguagem emprestada	41
A não contemporaneidade	50
Anacronismos	54
2. <i>Os meandros de uma lenda. O Oeste americano</i>	65
3. <i>A cor do esquecimento</i>	81
Da destruição de lugares ao apagamento de vestígios	81
<i>Demolir</i>	81
<i>Anistiar</i>	82
<i>Apagar</i>	85
<i>Substituir</i>	93
O desaparecimento de anônimos	96
<i>A desconhecida de Modiano</i>	96
<i>A enciclopédia de Danilo Kis</i>	101

O que resta do arquivo.....	103
<i>O arquivista no romance</i>	103
<i>O historiador e o homem sem qualidades</i>	106
4. <i>Questão de ritmos</i>	111
O tempo curto da memória: O exemplo dos países do Leste.....	111
<i>Iconoclasmos</i>	112
<i>Exposições de escárnio</i>	116
<i>Cerimônias fúnebres</i>	120
<i>Novos museus</i>	123
<i>Memórias sob medida</i>	127
O tempo médio da memória: O exemplo de Israel.....	144
<i>Uma terra sem povo para um povo sem terra</i>	145
<i>Uma cidadania da memória</i>	148
<i>A autoridade semântica das testemunhas</i>	151
<i>Uma lógica da cegueira</i>	156
<i>Uma outra memória</i>	162
5. <i>Novos tempos</i>	169
Desvios, denegações, deslocamentos.....	169
<i>O Japão e os massacres de Nanquim</i>	169
<i>Duas exposições americanas</i>	173
<i>Amnésias francesas</i>	176
<i>A Alemanha e a vitimização</i>	184
A reviravolta da conjuntura.....	193
<i>A problemática do “totalitarismo”</i>	194
<i>Novas narrativas italianas e espanholas</i>	203

SEGUNDA PARTE

UMA MEMÓRIA AMEAÇADA: A SHOAH

1. <i>As evasões da consciência factual</i>	215
O caso Wilkomirski.....	222
O desaparecimento das testemunhas.....	237
<i>Quem é testemunha?</i>	238
<i>Palavras de testemunhas</i>	246

<i>A trajetória jurídica de anulação das testemunhas</i>	254
<i>Metatestemunhas</i>	264
2. <i>O discurso histórico à prova</i>	271
A história como memória pulverizada.....	271
A representância e o empobrecimento do imaginário.....	278
Interrogar-se sobre sua própria escritura. Que lugar para os outros, para os mortos?.....	291
3. <i>Representar, figurar a Shoah</i>	297
Conflitos em torno das imagens de campos de concentração.....	297
Polêmica em torno de uma exposição no Museu Judaico de Nova York.....	307
Pós-memórias.....	314
<i>As sombras: Shimon Attie</i>	315
<i>O efeito de arquivo</i>	316
<i>Pais e filhos – “Você não estava em Auschwitz. Você estava em Rego Park”: A história em quadrinhos Maus, de Art Spiegelman</i>	318
<i>As fotos nos passos do pai: A viagem de Mikael Levin</i>	320
O corpo como <i>medium</i>	324
<i>A presença física das cinzas: As fotos de Auschwitz de Marie-Jeanne Musiol</i>	324
<i>O corpo-grafite de Marina Vainshtein</i>	326
4. <i>Memória-prótese ou memória crítica?</i>	329

TERCEIRA PARTE
DO MEMORIAL AO VIRTUAL

1. <i>Memória e mídia</i>	367
A carta e a foto.....	367
<i>“Escrever cartas é despír-se diante de fantasmas”</i>	367
<i>“O domínio do intocável e do imaginário”</i>	372
Nostalgias das mídias obsoletas.....	382

<i>A exposição Hors d'usage, de Atom Egoyan</i>	382
<i>As imagens e "o tempo que se foi com elas"</i>	385
2. <i>O império da memória morta</i>	391
<i>As catástrofes anunciadas</i>	393
<i>A imaterialidade do suporte</i>	399
<i>O eterno presente</i>	401
<i>Um novo espaço sem referências</i>	406
<i>O todo-imagem</i>	410
<i>O original e a cópia</i>	412
<i>O corpo ciborgue</i>	415
<i>A fantasia de tudo conservar</i>	425
<i>Os artistas da armazenagem</i>	425
<i>Saturações patrimoniais</i>	434
3. <i>Para uma memória hipertexto</i>	439
<i>Novos espaços de escritura</i>	439
<i>Os hipertextos de ficção</i>	441
<i>Práticas de desvio</i>	447
<i>Os novos flâneurs</i>	447
<i>Dar outra chance ao tempo</i>	455
<i>Cibermigrâncias</i>	463
<i>Bibliografia</i>	481

INTRODUÇÃO

Como se o passado nevasse sobre nós

O quê!? Você já tinha esquecido? Eu não! Voltam-me fragmentos de textos desprendidos do esquecimento, excertos de filmes abandonados às lixeiras da história ou aos depósitos dos sonhos. Voltam-me imagens de cor sépia, cenas, tristes de chorar, marcadas pela estranheza da relação entre o presente e o passado, tão distantes e tão próximas ao mesmo tempo. Essa memória infiel, mas persistente está fixada em alguns momentos essenciais do meu imaginário familiar. Tal como neste, das primeiras páginas de minha primeira obra de autoficção ou de metaficção sobre a história:

Foi no ano de 1920, no meio da confusão extrema. Na ida, todas as esperanças. A população judaica de Kaluszyn simpatiza com os soldados vermelhos. Vamos capturar os brancos, fomentadores de *pogroms*¹. Todos à Varsóvia! Em seguida, o refluxo, depois a derrota diante da Varsóvia. Uma parte da população temendo as represálias dos exércitos brancos se mistura ao exército vermelho, incorpora-se a ele ou o segue. Comboio de fugitivos esperando ganhar a Terra Prometida. Até o rio Bug. A confusão se generaliza. Pânico dos cavalos, pois o exército branco reforça sua presença. Ele chega, vai massacrar tudo. Começa então a grande carnificina. As pessoas são massacradas pelo exército branco? A população das cidades costeiras insta o batalhão errante ao Bug, sabendo que ele é formado principalmente por judeus? A memória de Kaluszyn nunca assumiu. O

exército vermelho conseguiu como pôde passar o Bug. Os sobreviventes do comboio de fugitivos recuaram em troca de pequenas quantias. Eles tentam recuperar suas vilas, esperando escapar às represálias dos destacamentos da armada branca. Ao chegar em Bohemio, pequena cidade a dez quilômetros de Kaluszyn, cerca de 30 judeus são massacrados pelos Poloneses. *Pogrom* ordinário. Nada mais banal. Meu pai, de estatura muito baixa, com então 16 anos, consegue se esconder, se tornar invisível, foge e chega extenuado em Kaluszyn, no mesmo dia ou alguns dias depois.

Essa história, eu a ouvi cem vezes, mil vezes. Ela pertence a minha lenda familiar. Todavia, quando eu era pequena, eu a reformulei a meu modo – a não ser que, antes, os relatos de meu pai... E foi logo impossível de desemaranhar o verdadeiro do falso. Que importa?! Em 1920, os exércitos bolcheviques se alojam em Kaluszyn. Corridas desenfreadas de cavaleiros vindos do fundo das estepes, bandeiras vermelhas balançando ao vento gelado, epopeia influenciada por Eisenstein. Na liderança, Lênin. Um Lênin mais príncipe cossaco do que dirigente bolchevique, mas eu adorava o código mítico dessas imagens de Épinal. Meu pai, jovem adolescente, vê Lênin passar a galope num cavalo branco. Como Fabrício em Waterloo, ele não entende. Está subjugado, fascinado. Ele decide seguir o exército, atravessar o Bug, ir viver na jovem Rússia dos soviéticos. Pouco antes da travessia do Bug, meu pai é amigavelmente interrogado por um comissário político do exército.

– Eu sou um de vocês. Quero segui-los. Sou um verdadeiro bolchevique – diz Gavrocheⁱⁱ no limiar do choro. – Um bolchevique trabalha onde a sorte o fez nascer – responde o zeloso defensor. – A Polônia também se tornará socialista.

Meu pai refletiu, convenceu-se e jurou se tornar, sobre essa terra hostil, um verdadeiro bolchevique. Ao voltar, ele escapa milagrosamente de um *pogrom* e vê nisso um sufrágio.

Havia também uma versão suntuosa, a dos grandes dias, a dos momentos difíceis, a da necessidade de recomeçar. Meu pai vê passar o exército vermelho. Inicia-se, então, entre Lênin e ele este diálogo para sempre gravado na minha memória.

– Eu quero ir com vocês, eu quero me tornar um verdadeiro bolchevique.

– Você será bolchevique aqui. A Polônia precisa de seus próprios bolcheviques. É preciso trabalhar onde estamos. É preciso fazer a revolução em toda parte.

Relincho dos cavalos. Confusão, partidas, bandeiras agitadas. Minha infância é, em primeiro lugar, esta imagem. Meu pai, um herói, dialogando com Lênin. Meu pai excepcional. A epopeia atravessava a mesa familiar como, outrora, ela quase se submergira no Bug¹.

Uma outra lembrança, mais recente, considerando um certo caminho percorrido: por volta do fim dos anos 1990, fui convidada para participar de um programa de televisão em Paris. Eu deveria falar, como historiadora, sobre Lênin. O apresentador do programa havia me precisado que, na ocasião, eu poderia trazer a obra na qual eu contava o mito familiar na origem de minha vocação e de minha escritura. Assim foi feito. A seu pedido, eu falei de meu pai, de sua geração, de seu ideal que fracassou diante das revelações do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em 1956.

No final, no palco, enquanto as câmeras ainda giravam, o apresentador, um amigo que eu tinha em alta estima, agradeceu-me por ter participado de seu programa e elogiou a coragem e a franqueza com as quais eu tinha falado de meu pai. Eu sorri e, em retribuição, agradeci.

Sentada no café onde me refugiei em seguida, um pouco sonolenta, eu refleti. Então, hoje, na virada do milênio e do século, é preciso demonstrar coragem para falar de seu pai bolchevique nos anos 1920! Uma doença vergonhosa, em suma, tão pouco gloriosa quanto os antecedentes nazistas! E isso vinha de maneira totalmente inconsciente, evidentemente, de alguém que não partilhava de modo algum da ideologia da indiferença ao comunismo e ao fascismo, tão difundida desde então. Estava na moda. O mundo

¹ Ver R. Robin. *Le Cheval blanc de Lénine ou l'Histoire autre*. Bruxelas, Complexe, 1979. Texto reeditado em *Le Naufrage du siècle*. Paris, Berg International/Montreal, XYZ, 1995, pp. 107-108.

tinha mudado. Estávamos todos “datando”, para nos tornarmos “ex” do passado vergonhoso. Isso me lembrava da época em que eu tinha ido ver um de meus tios parisienses, pouco antes de sua morte. Ele era casado com uma irmã de meu pai e tinha crescido na mesma cidade que ele na Polônia, onde havia liderado as Juventudes Comunistas locais. Ele chegara à França provavelmente ao mesmo tempo que meus pais, no início dos anos 1930. E então o tempo passou: a guerra, o pós-guerra e a velhice para esta geração nascida por volta de 1900 ou 1910. Quanto fui vê-lo, era 1993 ou 1994, eu não sei mais. Mas com certeza depois da queda do Muro de Berlim, da queda dos regimes socialistas dos países do Leste, do desmembramento da URSS e, no que concerne à França, do crescimento de um partido de extrema direita que arrecadava mais de 15% dos votos, de eleição em eleição. Encontrei um homem destroçado. Certamente, a velhice e a doença tinham feito seu trabalho, a solidão também, mas mais ainda o sentimento de ter dado o essencial de sua vida para nada. Nesse dia, aquele tio me disse, com um nó na garganta: “Você diria que todos esses anos na clandestinidade ou nas prisões de Pilsudski, a bandeira vermelha, nossas lutas, o fim do tsarismo, as greves, a Internacional, tudo isso era por nada? Que nos enganamos? Diga! Será que nos enganamos completamente?”

Eu tive muita dificuldade para encontrar as palavras necessárias para que meu tio Moshe não afundasse numa total desesperança. Não, ele não tinha lutado por nada; mas como lhe garantir, e como transmitir às gerações futuras, a dimensão de seu militismo obscuro? Porque esses militantes, como meu tio, não merecem desaparecer de nossas memórias. Eles se dedicaram de corpo e alma à causa dos desafortunados, dos “condenados da terra”, dos operários explorados e miseráveis, dos desempregados atingidos pelas crises econômicas e sociais, particularmente a de 1929. Eles deram tudo na esperança da revolução salvadora. Criadores de partidos revolucionários, organizadores e inspiradores do movimento operário, fundadores de sindicatos, eles eram incansáveis, desafiando o frio e a fome, a adversidade política em todas as suas

formas. Quantos dentre eles foram jogados no fundo do calabouço no auge da vida, por regimes tirânicos e autoritários, por ditaduras fascistas sangrentas ou simplesmente por nossas boas e velhas democracias votando aqui e ali leis de exceção? Quantos foram fuzilados, mutilados, marcados para sempre, isso para não falar do destino ainda mais trágico daqueles que foram as primeiras vítimas de Stálin, quando seu único crime era levar a sério o socialismo, acreditar na vitória da revolução, exercer seu espírito crítico, empreender iniciativas pessoais corajosas, querer mudar o mundo? Vidas esmagadas, sacrificadas, mas vidas com um horizonte, um ideal. Tio Moshe, penso em você!

Alguns anos antes, um grande historiador, de passagem por Montreal, pedira para me ver. Esse interesse repentino, longe de me deixar lisonjeada, inquietou-me, mas eu aceitei o seu convite e fomos jantar juntos. Entre a pera e o queijo, ele me disse subitamente:– Muitos judeus, nos anos 1920 e 1930, eram membros de partidos comunistas na Europa central e na URSS, estando às vezes mesmo na liderança, não é?

– Sim, evidentemente. Na Europa central, muitas vezes na ilegalidade.

Como tinha lido *Le Cheval blanc de Lénine*, ele acrescentou:

– Era o caso do seu pai, se eu me lembro bem.

– De fato, mas, em 1956, na época em que você deixou o PCF em função dos acontecimentos da Hungria, meu pai renunciava com veemência ao comunismo por causa do famoso relatório “atribuído a Khrushchov”. E, como não podia viver sem uma ideologia plena, ele, o homem de ferro, se tornou um sionista amargo. Então, na cozinha, uma bandeira vermelha que, parece-me, datava da Comuna, assim como a célebre foto de Khaldei, mostrando um soldado soviético cravando a bandeira vermelha com a foice e o martelo no alto do Reichstag, foi substituída pela bandeira israelense. Com essa resposta um pouco irônica, eu tentava desconstrair o clima. Ele refletiu por um longo tempo antes de lançar sua ideia (e eu compreendi que era esse o objetivo daquele encontro, ele queria testá-la):

– Você não acha que o Congresso Judaico Mundial ou uma outra instância deveria fazer uma declaração de arrependimento para todos esses judeus que foram comunistas?

Tomem isso como “anedotas”, “historietas” se quiserem! Elas balizam, entretanto, meu percurso, minha já longa memória, minha escritura de ficção e ensaios. Algumas de minhas lembranças pertencem ao “mundo dos ex”, outras ao dos sobreviventes.

Na verdade, eu sou de uma geração que viveu a Segunda Guerra Mundial. Certamente, essas lembranças são descontínuas, fragmentadas, fluidas, e é difícil saber se algumas dentre elas constituem fatos vividos ou contados. Mas outras são verdadeiras lembranças, vivas, como aquelas dos dias da libertação de Paris: os alemães mortos na sarjeta da Rua Belleville, o *Chant des partisans* e as inúmeras bandeiras, a *Marselhesa*, as pessoas nos tetos atirando nos alemães em fuga. Há também lembranças mais antigas: os homens de “uniforme” na casa de Juliette, minha babá, que me escondia. Eu achava estranho compreender o que eles diziam numa língua próxima à minha língua materna. Entretanto, eu sabia que precisava desconfiar deles.

Uma outra cena, esta, seguramente, contada, na delegacia da Rua Ramponneau em Paris. Na distribuição das estrelas amarelas, o responsável, na delegacia, dá apenas duas à minha mãe, uma para ela e uma para meu irmão. Ela me carrega em seus braços. Eu sou ainda um bebê. O decreto de Pétain estipula que as crianças com menos de seis anos não deverão usar a estrela. Assim, o funcionário zeloso não dá a estrela para mim. Começo a gritar porque eu quero esse pedaço de pano que se distribui a todo mundo menos a mim (eu devo ter dois anos). Minha mãe, assustada com o barulho que eu faço, pega uma estrela e um alfinete de cima da mesa. Ela a prega no meu pulôver e, no seu nervosismo, espeta-me. Grito mais forte, sem compreender o que poderia significar esse gesto que marcava literalmente uma identidade fixada no meu corpo. Desde 1945, eu sei que nós somos sobreviventes. Minha mãe falava do ano I da sobrevivência, ela inventara um estranho calendário imitando o calendário revolucionário.

Bem mais tarde compreendi que tudo saía da guerra, estivesse ela em questão ou não. Na verdade, salvo exceção, eu não escrevo sobre a guerra, mas com a guerra. Na minha escritura de ficção, recorro à colagem, à montagem, à composição, a tudo o que pode dar indícios de tempos esquivos que vivemos, a tudo o que permite estremecer as temporalidades. Eu falo de um passado dessignificado, de uma história que perdeu o senso e não pode dizer mais nada. Nem romance, nem grande narrativa, eu escrevo num cenário de fraturas e recolha de destroços, estilhaços, fragmentos e vestígios.

Nem texto analógico, nem história literária, nem memória completa e inteira, ao contrário. Este ensaio em torno da obsessão e da saturação da memória se pretende um mosaico: mosaico de exemplos da França, da Alemanha, de Israel, dos Estados Unidos, do Japão; mosaico de gêneros, o ensaio, o fragmento, mas também a teoria literária, a sociologia; mosaico de referências e de citações, não no sentido do ecletismo, mas numa justaposição, consciente da impossibilidade da totalização. Um nomadismo da escritura e dos gêneros, um livro “mestiço” que mistura a análise científica à experiência pessoal, uma pesquisa que não esconde suas interrogações, seus momentos de descontinuação, exigindo uma estética diferente daquela do ensaio clássico.

Eu adoraria que pudéssemos lê-lo como um hipertexto – cada criação podendo, no espírito do leitor, não somente despertar o eco daquilo que ele leu alhures, mas também remeter a outras partes, ou a um outro livro possível, potencial, sobre o esquecimento, a guerra da Argélia, a Alemanha etc. Além disso, os textos de ficção, disseminados nesta obra, podem remeter uns aos outros, como a outros tantos lugares que o próprio leitor apresentará.

Memória coletiva, dever da memória, trabalho da memória, abusos da memória etc. Em última análise, não falamos mais nada além disso, escrevemos apenas sobre essa questão. Quando não é diretamente uma questão de “memória” é a comemoração que vem em primeiro plano na atualidade, o patrimônio, as “Jornadas do patrimônio”, todas as formas de museificação do passado. O passado vem nos visitar permanentemente, em escala mundial. Na França,

Vichy, o julgamento de Barbie, o julgamento de Touvier, o assassinato de René Bousquet, a revelação das ideias de juventude de François Mitterrand, seus laços de amizade com Bousquet, a famosa coroa de rosas sobre o mausoléu de Pétain, a impossibilidade em que se encontrava Mitterrand em admitir que a França tivesse sua parte de responsabilidade nas perseguições antisemitas do regime de Vichy, o discurso de Chirac reconhecendo essa responsabilidade, o julgamento de Papon e suas peripécias, a declaração de arrependimentos dos bispos da França, o reconhecimento, da boca para fora, da guerra da Argélia como uma verdadeira guerra, a presença dos fantasmas do 17 de outubro de 1961 que vieram assombrar o julgamento de Papon, o ressurgimento do problema da tortura durante a guerra da Argélia etc. são notícias dos nossos jornais e invadem nosso cotidiano há mais de 15 anos.

Esses discursos sobre a memória produzem uma imensa cacofonia, cheia de barulho, de furor, de clamores, de polêmicas e de controvérsias, de argumentações simétricas ou congruentes a propósito das quais ninguém fica indiferente. O mesmo se aplica, sobre um outro plano e de outras formas, aos Estados Unidos, onde o discurso tradicional sobre a fundação país e seu desenvolvimento, sua vocação ou seu destino (país fundadores, ideologia da fronteira, mito do Oeste) foi recentemente ameaçado pela promoção da memória de diferentes grupos vítimas da sociedade americana em um dado momento e de muitas maneiras: memórias ameríndias, memórias dos negros, memórias das mulheres etc. Para não falar da torrente de imagens e de discursos no Leste depois dos acontecimentos de 1989 e da queda do Muro de Berlim. Uma nova era da memória aparece em toda parte.

Para compreendê-la, será necessário colocar em ordem tudo o que há sob a designação de “memória”. Inicialmente, os usos do passado, na sua diversidade, através de lutas, diálogos e polêmicas mais ou menos violentas, em uma época determinada, numa sociedade particular. Inevitavelmente, em nosso percurso, vamos encontrar a *Shoah*, obstáculo de todos os problemas memoriais hoje, mesmo quando isso não é claramente formulado. Nenhuma